

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



## Um "momento mágico" entre Lula e Trump na ONU que nem eles esperavam

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, durante seu discurso na Assembleia Geral da ONU, ontem, disse que se reunirá na semana que vem com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva para debater as retaliações que os EUA vêm aplicando ao Brasil em reação ao julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro. Disse que houve "excelente química" entre ambos. A declaração pegou de surpresa tanto a comitiva brasileira quanto os assessores da Casa Branca, que não haviam previsto que ambos se encontrassem de forma tão afável nos bastidores do plenário da ONU.

"Eu estava entrando (no plenário da ONU), e o líder do Brasil estava saindo. Eu o vi, ele me viu, e nos abraçamos. Na verdade, concordamos que nos encontraríamos na semana que vem", disse Trump. "Não tivemos muito tempo para conversar, tipo uns 20 segundos. Ele parece um cara muito legal, ele gosta de mim e eu gostei dele. E eu só faço negócio com gente de quem eu gosto. Quando não gosto dele, eu não faço. Quando eu não gosto, eu não gosto. Por 39 segundos, nós tivemos uma ótima química, e isso é um bom sinal."

O brevíssimo encontro entre Lula e Trump, ao ser revelado pelo presidente norte-americano no plenário da ONU, foi um daqueles momentos mágicos da política, em que os indivíduos podem mudar o curso da história. Transformou-se em um episódio carregado de simbolismo, que condensara as tensões e as contradições de uma relação marcada por sanções, críticas mútuas e disputas por legitimidade política e moral no cenário internacional. Na psicologia, "momento mágico" é aquele instante único e inesperado, intenso e paradoxal, que abre brechas de entendimento sem dissolver o conflito.

Abriu-se uma porta para o diálogo aberto e franco, sem intermediários, entre os dois presidentes, fato que parecia impossível de correr diante da escalada de tensões entre ambos.

Os discursos de Lula e Trump, porém, revelam obstáculos objetivos a um entendimento entre os dois países. Lula foi o primeiro chefe de Estado a falar, como manda a tradição da ONU, e fez uma intervenção dura, denunciou a ingerência dos Estados Unidos em assuntos internos brasileiros, rechaçou as sanções impostas a autoridades e familiares de ministros e destacou a soberania nacional como princípio inegociável. Mas não citou Trump. Também vinculou a defesa da democracia à recusa de anistia a Jair Bolsonaro e seus aliados, lembrando que não há pacificação possível com impunidade. O tom foi de resistência e nacionalista, em consonância com a narrativa de que o Brasil reconquistou a democracia há quatro décadas e não aceita pressões externas.

### Dois estilos

Como sempre, Trump adotou uma retórica agressiva. Justificou tarifas e medidas unilaterais como instrumentos de proteção dos interesses americanos e acusou o Brasil de censura, corrupção judicial e perseguição a críticos políticos. Foi um ataque direto, duro, na lógica do "América em primeiro lugar". Mas, no mesmo discurso, abriu uma brecha: foi quando disse que Lula parece "um cara legal" e que entre os dois houve uma certa "química". Essa contradição é típica do estilo negociador do republicano — elevar a tensão, aplicar pressão e, em seguida, reposicionar-se para negociar em condições mais vantajosas. Mas é um jogo ao qual Lula também está acostumado, desde os tempos de sindicalista: quem abaixa a cabeça não é respeitado.

Essa ambivalência do episódio fez dele o "momento mágico". Trata-se de um instante que se destaca por ser singular, intenso, encantador e, potencialmente, transformador. O abraço improvisado na ONU reuniu todos esses elementos: fugiu ao roteiro protocolar; simbolizou, em segundos, semanas de escalada diplomática; impactou parte da opinião pública, ao mostrar dois líderes rivais em gesto de cordialidade; aparentemente, mudou da água para o vinho a relação entre os dois, ainda que em bases pragmáticas em muito frágeis.

Trump é imprevisível; Lula é pragmático, não vai alinhar o Brasil automaticamente aos Estados Unidos, como fez Bolsonaro e, agora, a Casa Branca gostaria. Para o Brasil, o essencial é resistir às sanções, preservar a autonomia institucional e negar a anistia como caminho de impunidade. A prioridade de Trump é usar tarifas, punições e sanções como moeda de troca, mantendo o Brasil sob pressão enquanto reafirma sua liderança perante a base interna e o eleitorado norte-americano.

É melhor levar em conta que o "momento mágico" é apenas a chance de manter aberto um canal de comunicação pessoal, ainda que os discursos revelem antagonismos insuperáveis no curto prazo. A tática errática de Trump raramente resulta em soluções lineares. Ao contrário, muitas vezes produz efeitos "exóticos", como lembram os observadores mais cautelosos. O gesto causou perplexidade na oposição, mas foi encarado como "firmeza estratégica combinada com inteligência política" por Eduardo Bolsonaro, o filho do ex-presidente que articulou as sanções contra o Brasil. No Itamaraty, cujos diplomatas são acostumados a longos e minuciosos processos de negociação, o abraço foi interpretado como abertura para reduzir a tensão, um rito performático em meio ao clima de hostilidade. Não dissolve o antagonismo, porém projeta no imaginário a possibilidade de que adversários radicais possam, ao menos por segundos, se reconhecer e se dirigir como pares legítimos. Abre-se um capítulo novo, ainda impoderável, das relações Brasil-Estados Unidos.

## RELAÇÕES EXTERIORES

# Defesa da justiça climática e crítica à guerra em Gaza

Na ONU, Lula ressalta que armas nucleares não protegerão a humanidade dos eventos extremos do clima. E acusa Israel de usar a fome como arma contra o povo palestino

» FERNANDA STRICKLAND  
» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva abriu, ontem, a 80ª Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) com um discurso que combinou apelos pela justiça climática e críticas à guerra em Gaza. Diante de chefes de Estado e representantes internacionais, ele cobrou compromissos mais firmes para enfrentar o aquecimento global e defendeu uma ampla reforma na governança mundial.

"Bombas e armas nucleares não vão nos proteger da crise climática", afirmou. Para Lula, o combate ao aquecimento global precisa estar no centro da agenda multilateral. Ele lembrou que 2024 foi o ano mais quente já registrado e classificou a Conferência do Clima de 2025, a COP30, em Belém, como "a COP da verdade", quando líderes terão de provar a seriedade de seus compromissos.

O chefe do Executivo destacou que o Brasil assumiu a meta de reduzir entre 59% e 67% suas emissões de gases de efeito estufa e anunciou a criação do Fundo Florestas Tropicais para Sempre, destinado a remunerar países que preservam suas florestas. Ele também alertou para os riscos da corrida global por minerais críticos, defendendo que não se repita "a lógica predatória que marcou os últimos séculos".

Lula criticou a disparidade entre países ricos e em desenvolvimento. "As nações em desenvolvimento enfrentam a mudança do clima ao mesmo tempo em que lutam contra

Ricardo Stuckert/PR



Lula na Assembleia da ONU: "Nada, absolutamente nada justifica o genocídio em curso em Gaza"

### » Mujica e Francisco

Na parte final do discurso na ONU, o presidente Lula prestou homenagem ao ex-presidente uruguaio José "Pepe" Mujica e ao papa Francisco. "Este ano, o mundo perdeu duas personalidades excepcionais... Ambos encarnaram, como ninguém, os melhores valores humanistas", afirmou. Segundo o chefe de Estado brasileiro, as lições deixadas por eles ecoam como um chamado à ação contra autoritarismo, desigualdade e degradação ambiental. "Que o amanhã é feito de escolhas diárias, e é preciso coragem de agir para transformá-lo", completou.

outros desafios. Enquanto isso, países ricos usufruem de padrão de vida obtido às custas de 200 anos de emissões", disse. Segundo ele, ampliar o acesso a financiamento e tecnologia "não é questão de caridade, mas de justiça".

O conflito no Oriente Médio

também foi tema central. Lula acusou Israel de usar a fome como arma contra o povo palestino. "Nada, absolutamente nada justifica o genocídio em curso em Gaza", frisou, recebendo aplausos de parte das delegações. Ele denunciou o bloqueio imposto à região e cobrou mudanças

no Conselho de Segurança da ONU, criticando o uso recorrente do veto pelos Estados Unidos.

"Ali, sob toneladas de escombros, estão enterradas dezenas de milhares de mulheres e crianças inocentes, mas também o direito internacional, o humanitário e o mito da superioridade étnica do Ocidente", declarou.

O chefe do Executivo defendeu ainda a criação de um Conselho Climático ligado à Assembleia Geral da ONU e pediu a refundação da Organização Mundial do Comércio (OMC) em "bases modernas e flexíveis".

"No futuro que o Brasil vislumbra, não há espaço para a reedição de rivalidades ideológicas ou esferas de influência. A confrontação não é inevitável", enfatizou.

## Eduardo na berlinda

O deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP), que se instalou nos Estados Unidos para trabalhar por sanções ao Brasil, sofreu revés no Congresso ontem. O presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), barrou manobra da oposição, que tinha indicado o parlamentar como líder da minoria, em uma tentativa de blindá-lo de uma cassação por acúmulo de faltas. Na função, Eduardo não precisaria justificar as ausências. Em outra frente, o Conselho de Ética da Casa abriu processo contra o deputado, que pode cassar o mandato dele.

Ao barrar a indicação de Eduardo como líder da minoria, Motta baseou-se em um parecer da Secretaria-Geral da Presidência. Segundo o documento, a ausência do território nacional é incompatível com o exercício das atribuições de uma liderança.

Na semana passada, ao ser informado sobre o movimento da oposição, Motta já havia adiantado que o caso era "atípico" e que passaria por uma análise antes de ser oficializado.

Em março, Eduardo anunciou que se licenciaria do cargo por 120 dias para permanecer nos EUA, onde buscava sanções contra "violações dos direitos humanos". Desde então, fez lobby por punições do governo americano contra o Brasil, como tarifas adicionais, revogação de vistos de autoridades e a aplicação da Lei Magnitsky contra o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF). A licença encerrou-se em julho. Desde então, as faltas de parlamentares passaram a ser contabilizadas.

No Conselho de Ética, o processo foi aberto a pedido do PT. O partido diz que o parlamentar difamou o Supremo Tribunal Federal (STF), ameaçou a ordem constitucional e tentou influenciar autoridades estrangeiras a impor sanções contra o Brasil e autoridades nacionais para beneficiar o pai, o ex-presidente Jair Bolsonaro.

Na segunda-feira, a Procuradoria-Geral da República (PGR) denunciou Eduardo por coação no curso do processo da trama golpista, no qual Bolsonaro e mais sete réus foram condenados por tentativa de golpe de Estado.

## Lembra como a vida era difícil para milhares de famílias antes dos programas sociais deste GDF?



SAIBA MAIS.



Edileuza e seus dois filhos, beneficiados pelos programas sociais do GDF

2018

2025

## 800 mil pessoas beneficiadas, mensalmente, em todo o Distrito Federal.

Durante a pandemia, quando o desemprego atingiu muita gente, a Edileuza passou sufoco para comprar comida para a sua família. Ai, este GDF criou programas que levaram alento para ela e milhares de pessoas: o Cartão Prato Cheio e o Cartão Gás. O GDF também reduziu o preço do almoço nos Restaurantes Comunitários, de R\$ 3,00 para R\$ 1,00. E ainda passou a oferecer café da manhã e jantar por apenas R\$ 0,50 cada, todos os dias. Este GDF vai continuar trabalhando para melhorar, ainda mais, a vida de todos. **Este GDF vai lá e faz.**

